e-ISSN: 2177-8183

A MEMÓRIA COMO FIO CONDUTOR NA CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS EDUCACIONAIS - TENSIONAMENTOS ENTRE AVALIAÇÃO E MEMÓRIA NO CENÁRIO EDUCACIONAL EM MEIO À PANDEMIA

MEMORY AS A LEADING THREAD IN THE CONSTRUCTION OF EDUCATIONAL TERRITORIES - TENSIONS BETWEEN ASSESSMENT AND MEMORY IN THE EDUCATIONAL SCENARIO AMID THE PANDEMIC

LA MEMORIA COMO HILO PRINCIPAL EN LA CONSTRUCCIÓN DE TERRITORIOS EDUCATIVOS - TENSIONES ENTRE EVALUACIÓN Y MEMORIA EN EL ESCENARIO EDUCATIVO EN MEDIO DE LA PANDEMIA

Rodrigo Severiano dos Santos
rodrigo.santos@arapiraca.ufal.br
Doutorando em Literatura
Universidade Federal de Alagoas

Angelina Renata Andrade Ribeiro
renataribeirofilosofia@gmail.com
Doutora em Educação
Universidade Federal de Alagoas

Cinthya Maria de Oliveira
cinthyaufal@gmail.com
Graduada em Pedagogia
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

O período mais crítico da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021, evidenciou fraturas em uma estrutura social já comprometida por conflitos diversos. Na educação, a reinvenção de práticas e de plataformas exigiu de docentes e de gestores a reprogramação de estratégias e a incorporação de ferramentas, antes periféricas, no processo de ensino-aprendizagem. Nos cursos de Comunicação, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), esse movimento se concretizou nas disciplinas Oficina de Texto e Análise e Produção de Texto em Comunicação, ofertadas via Google Sala de Aula. Tais componentes curriculares tornaram-se palco

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

de uma proposta metodológica voltada ao estreitamento de vínculos educativos em meio a barreiras geográficas e emocionais. Esta pesquisa qualitativa tem como objetivo analisar as relações entre formação, avaliação e memória no contexto da crise sanitária, à luz de uma perspectiva dialética e crítica. A produção de textos memorialísticos aula a aula foi adotada como ferramenta de escuta, reflexão e registro, compreendida aqui como um processo cartográfico filosófico em um território educativo híbrido. O memorial elaborado por uma das discentes — coautora deste trabalho — é tomado como corpus empírico, expressando uma experiência autoral e formativa. A metodologia, inspirada em Deleuze e Ricoeur, permite observar a constituição de um entrelugar — físico e virtual — atravessado pela memória como fio condutor. Os resultados apontam que os memoriais potencializaram a escuta sensível, a ressignificação das práticas avaliativas tradicionais e o fortalecimento dos laços afetivos entre docentes e discentes. O estudo destaca ainda que a abordagem narrativa, ao articular memória e avaliação, favorece a autoformação, tornando-se uma via potente de reconstrução identitária em tempos de ruptura.

Palavras-chave: Educação. Memória. Pandemia. Cartografia. Filosofia.

ABSTRACT

The most critical period of the COVID-19 pandemic, between 2020 and 2021, revealed fractures in a social structure already compromised by various conflicts. In education, the reinvention of practices and platforms required teachers and administrators to reprogram strategies and incorporate previously peripheral tools into the teaching-learning process. In the Communication courses at the Federal University of Alagoas, this movement materialized in the Text Workshop and Text Analysis and Production in Communication courses, offered via Google Classroom. These curricular components became the stage for a methodological proposal aimed at strengthening educational bonds across geographical and emotional barriers. This qualitative research aims to analyze the relationships between training, assessment, and memory in the context of the health crisis, from a dialectical and critical perspective. The production of memorial texts class by class was adopted as a tool for listening, reflection, and recording, understood here as a philosophical cartographic process in a hybrid educational territory. The memorial prepared by one of the students—a co-author of this work—is used as an empirical corpus, expressing an authorial and formative experience. The methodology, inspired by Deleuze and Ricoeur, allows us to observe the formation of an in-between space—physical and virtual—crossed by memory as a guiding thread. The results indicate that the memorials enhanced sensitive listening, the redefinition of traditional assessment practices, and the strengthening of emotional bonds between faculty and students. The study also highlights that the narrative approach, by

e-ISSN: 2177-8183

articulating memory and assessment, fosters self-formation, becoming a powerful avenue for identity reconstruction in times of disruption.

Keywords: Education. Memory. Pandemic. Cartography. Philosophy.

RESUMEN

El período más crítico de la pandemia de COVID-19, entre 2020 y 2021, reveló fracturas en una estructura social ya comprometida por diversos conflictos. En educación, la reinvención de prácticas y plataformas exigió a docentes y administradores reprogramar estrategias e incorporar herramientas previamente periféricas al proceso de enseñanza-aprendizaje. En los cursos de Comunicación de la Universidad Federal de Alagoas, este movimiento se materializó en los cursos de Taller de Texto y Análisis y Producción de Textos en Comunicación, impartidos a través de Google Classroom. Estos componentes curriculares se convirtieron en el escenario de una propuesta metodológica destinada a fortalecer los vínculos educativos a través de barreras geográficas y emocionales. Esta investigación cualitativa busca analizar las relaciones entre formación, evaluación y memoria en el contexto de la crisis sanitaria, desde una perspectiva dialéctica y crítica. La producción de textos conmemorativos, clase por clase, se adoptó como herramienta de escucha, reflexión y registro, entendidos aquí como un proceso cartográfico filosófico en un territorio educativo híbrido. El memorial elaborado por uno de los estudiantes —coautor de este trabajo— se utiliza como corpus empírico, expresando una experiencia autoral y formativa. La metodología, inspirada en Deleuze y Ricoeur, nos permite observar la formación de un espacio intermedio —físico y virtual— atravesado por la memoria como hilo conductor. Los resultados indican que los memoriales potenciaron la escucha sensible, la redefinición de las prácticas de evaluación tradicionales y el fortalecimiento de los vínculos emocionales entre profesorado y alumnado. El estudio también destaca que el enfoque narrativo, al articular la memoria y la evaluación, fomenta la autoformación, convirtiéndose en una poderosa vía para la reconstrucción de la identidad en tiempos de disrupción.

Palabras clave: educación. Memoria. Pandemia. Cartografía. Filosofía.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

INTRODUÇÃO: O FIO DE ARIADNE E A MEMÓRIA DOS DESAFIOS

A metáfora do labirinto é tão fértil que se desdobra em inúmeras interpretações, revelando uma arquitetura rica e multifacetada, cujas observações geram várias analogias, dentre as quais se destaca a comparação do cérebro com um labirinto — um construto intricado de possibilidades, onde o próprio caminhar aleatório se transforma em uma verdadeira aventura. Esse percurso, repleto de cenários adversos, é resultado de escolhas, ora sagazes, ora infelizes, onde a possibilidade de "escapar" torna-se um desafio quase insuperável. Assim, o processo de navegar por esse emaranhado labiríntico é tão fascinante e complexo quanto à própria ideia de alcançar o destino final.

Outra metáfora possível seria a da memória como um componente deste cenário de tantas versões, caminhos, muros, idas e vindas sem fim, numa espécie de zigue-zague; porém, há de se observar e de se considerar, sobretudo, nessa última possibilidade, a ideia constante da linha invisível que conecta nossas memórias: a linha que seria nossa guia na luta feroz contra o Minotauro em cada um; criatura indomável e insaciável por vidas humanas. Logo, mergulhar nessa aventura sem um guia seria um prelúdio para o infortúnio, algo que apenas um fio guiado por Ariadne poderia evitar.

No processo educacional, trabalhar com aspectos da memória é, de certa forma, mergulhar num universo multifacetado e potente da natureza humana. Durante um dado período letivo especial, seguindo várias instituições de ensino superior – a Universidade Federal de Alagoas/UFAL – sentiu uma urgência por conexão, não apenas de fios e de máquinas, mas também entre sujeitos. Naquele contexto, já devastados pela sombra real da covid-19 (um monstro bem mais assustador e mortal que a criatura do mito grego), tornou-se imperioso o afastamento do convívio social e o inevitável isolamento – sempre que necessário. Na cena mitológica, o herói e Ariadne, personagens de um dos mais antigos mitos ocidentais, são atores de algo bastante simbólico, carregados de ramificações interpretativas, associadas ao mundo

e-ISSN: 2177-8183

antigo. Atenas – lar de Teseu; – e Creta – local de nascimento de Ariadne e seu meio-irmão, o Minotauro.

> Como não existe um texto grego que seja a única fonte escrita do mito de Ariadne, suas releituras ao longo da história da arte e da literatura se baseiam muitas vezes em obras de filósofos, como Plutarco (455-400 a.C), e em relatos romanos, como o dos poetas Catulo (87-54 a. C) e Ovídio (43-17 a.C). Sabemos que os romanos, depois de dominarem a Grécia no ano de 146 a.C., se apropriaram da cultura, dos mitos e das divindades gregas. Assim, a primeira releitura do mito de Ariadne foi feita pela poesia dos clássicos latinos. O sofrimento de Ariadne, abandonada por seu amado Teseu, foi dramatizado pelos poetas latinos e se tornou fonte de inspiração para muitos artistas que admiraram a arte e a poesia do período romano. (Hartmann, 2006, p. 125).

Ao debruçar-se sobre obras de cunho mitológico de origem grega, não é rara a ocorrência de relações íntimas entre deuses e humanos, tal qual uma espécie de arquétipo de composição. Neste caso, vê-se Poseidon envolver-se com Etra, cujo fruto foi um menino “belo como um deus e forte como um titã” (Stephanides, 2015, p. 73). Esse arranjo, portanto, se desdobra após Egeu, marido de Etra, não obter sucesso no seu plano de construir descendência, a fim de que sua linhagem no trono de Atenas não fosse interrompida. Contudo, diante da infertilidade do rei, já apontada por Medeia em Corinto, o nascimento do herói só foi possível pela relação entre a humana e o deus dos mares. O fruto dessa relação foi Teseu, o menino que “se distinguia pela esperteza e energia” (STEPHANIDES, 2015, 68).

> Os anos se passaram e Teseu completou dezesseis anos. Então sua mãe o conduziu até a rocha: “Debaixo desta pedra – ela lhe disse – há uma espada e um par de sandálias. Foi Egeu, seu pai e rei de Atenas, quem os colocou aí. Agora você deve mover a rocha e apanhá-los. Deve calçar as sandálias, pôr a espada à cintura e se dirigir a Atenas para se apresentar a seu pai. Ele saberá quem você é por causa desses sinais.” Teseu, que tinha uma força imensa nos braços, com facilidade pegou as sandálias e as calçou. Depois de colocar a espada à cinta, olhou a mãe com um orgulho tímido. (Stephanides, 2015, p. 69).

De fato, Teseu é o herói mitológico, cabendo a ele, portanto, a missão de encerrar o acordo tributário com o Rei Minos. Contudo, nosso foco é o artefato

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

condutor de sua saída do labirinto, pois, embora o herói fosse dotado de força e de sagacidade, sua empreitada não teria sucesso sem um item especial. Caberia a ele, Teseu, “o herói hábil em decifrar enigmas, frequentar o labirinto e vencer o touro” (Deleuze, 1997, p. 28), porém, isso só é possível, porque Ariadne intervém na trama. Ela oferece uma bola de fios de ouro, cuja função é guiar Teseu para a saída do labirinto. O papel da princesa é fundamental para a conclusão da aventura, pois mesmo que Teseu derrote o Minotauro, e assim ele o fez, não conseguiria escapar do complexo construto de Dédalo. O fio de Ariadne age como uma memória alternativa que conduz o herói para a saída. Entretanto, a conexão memorialística não é suficiente para manter as relações, muito menos para a continuação da aventura e Ariadne e Teseu se separam.

> Perto do rio, a princesa desfez-se em lágrimas. Ora ela batia na areia com os punhos gritando, ora, bestificada, deixava escorrer as lágrimas pelo rosto, de olhos arregalados, ora ficava prostrada, o corpo todo sacudido por soluços, encolhida sobre si mesma (Hartmann, 2006, p. 103).

Atando esta analogia mitológica à pesquisa desenvolvida neste texto, tem-se, portanto, como objetivos primordiais, problematizar o contexto educacional no qual os alunos da Universidade Federal de Alagoas estavam inscritos, não diferentes de muitos outros pelo Brasil e pelo mundo. Neste sentido, objetiva-se ainda, inferir sobre a relação entre a formação em meio à crise sanitária, os processos avaliativos e a memória. Para tal, o estudo teórico aportado neste artigo, aborda uma perspectiva dialética de análise, com base em produções acadêmicas e em referenciais teóricos do campo crítico, tanto sob uma perspectiva da analogia mitológica com o fio da memória, passando pelos aspectos cartográficos, como também o olhar sobre a avaliação enquanto instrumento educacional tão abundantemente discutido, lançando mão de pesquisadores como Menelaos Stephanides, Paul Ricoeur, Carlos Cipriano Luckesi, Gilles Deleuze, entre outros.

Este estudo pressupõe ainda, que a produção de textos memorialísticos aula a aula, apresentar-se-ia como um relevante processo cartográfico filosófico de

CC BY

representação do mapa educacional em aulas *on-line*, cujos autores, em seu relativo isolamento, puderam expor a potência da observação e do resgate. Portanto, a produção do memorial baseado no encontro inicial e o primeiro memorial produzido por Cinthya Oliveira apresenta-se como repertório autoral, o que nos faz concluir que a aplicação metodológica de inspiração deleuziana fomentou a criação de um aparato próprio no entrelugar em meio ao território físico e virtual, como uma espécie de fio tecido por Ariadne para fora do labirinto, metáfora grega que introduz e entremeia este artigo como uma analogia possível no campo da memória.

Com base numa abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, esta pesquisa adotou um processo metodológico, cujo pressuposto esteve norteado pela cartografia filosófica e pela hermenêutica narrativa, tendo como suportes referenciais Paul Ricoeur e Gilles Deleuze. O aspecto central foi a compreensão dos elementos subjetivos e, também, formativos de duas turmas dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), cuja aplicação se deu pelo método cartográfico com inspiração filosófica aos estudos de Deleuze e Guattari (2010), voltados ao mapeamento dos movimentos de subjetivação, além de buscar conhecimentos em novos cenários educativos, cruciais no contexto da crise pandêmica, e de cujos saberes emergiram com potência, ressoando através dos textos.

A cartografia se consolidou através dos memoriais escritos durante o ensino remoto emergencial (2020–2021). Para exemplificar o modelo de análise, foi utilizado um memorial focal selecionado (da coautora do artigo) como *corpus* principal, pela densidade descritiva e reflexiva, seguindo os princípios da hermenêutica narrativa de Ricoeur (1997), que compreendem o texto como espaço de projeção e de reconstrução da identidade; ou seja, os memoriais são lidos como narrativas de si e apresentam o modo como os sujeitos ressignificam o processo formativo em tempos de excepcionalidade. Ao considerar a memória como um relevante aparato formativo, sobretudo, em tempos de exceção, a escolha da metodologia inspirada na cartografia e na narratividade se justifica pela natureza do objeto. Os textos memoriais oferecem

e-ISSN: 2177-8183

uma pluralidade de elementos lineares e não lineares que explicitam a função multifacetada da escrita de si.

Todos os elementos discutidos acima, introduzem uma breve reflexão acerca da memória enquanto fator crucial para o enfrentamento de catástrofes. A pandemia da covid-19, cuja abordagem mais detalhada faremos a seguir, nos colocou em estado máximo de atenção. Os estudos acerca da relação entre memória e aprendizagem se fizeram, também, através de um nicho de leitura de textos ficcionais, a exemplo de **Ensaio sobre a cegueira**, de José Saramago (2008); **Invenção e Memória**, de Lygia Fagundes Telles (2000); **Becos da Memória**, de Conceição Evaristo (2006); **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis (1992); e **Memórias do Cárcere**, de Graciliano Ramos (1994), entre outros, se configuram também como elemento de reflexão sobre a condição humana em eventos extremos e nossa capacidade de reinvenção frente ao caos em si e no outro. Segue o fio.

CARTOGRAFIA FILOSÓFICA: A GEOFILOSOFIA MAPEANDO TERRITÓRIOS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

O conceito de Geofilosofia aparece pela primeira vez no decorrer da obra **O que é a Filosofia?** (2010), de Deleuze e Guattari. Nela, os autores propõem uma pedagogia do conceito, de modo que o *status* pedagógico do conceito ganha escopo a partir de uma crítica inicial: a crítica à imagem dogmática do pensamento, também já sinalizada por Deleuze (2018) em *Diferença e Repetição*.

Em síntese, na obra **O que é a Filosofia?**, os autores propõem, tanto localizar a crítica geograficamente, como também afirmam que a busca de supostas essências conceituais teria sua origem desde a Grécia Antiga. Já em contraponto às essências conceituais, a criação de conceitos defendida por Deleuze e Guattari (2010) é resultado de experiências de pensamento, sendo estas fruto dos encontros, a-históricos, implicados no devir.

A geofilosofia assume, portanto, o caminho dos encontros e das linhas de fuga do pensamento e da criação de conceitos. Dessa forma, encontra-se na geofilosofia de Deleuze e Guattari, uma espécie de cartografia filosófica, onde as principais

características da pesquisa cartográfica seriam os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização. E, de certa forma, os movimentos de desterritorialização são tais como na natureza os movimentos em massa daqueles que deixam seu território e os processos de reterritorialização representam a restituição de territórios. Tal como as pesquisas cartográficas, a geofilosofia permite ao filósofo redimensionar a sua relação com o espaço, (des)(re)territorializando-o. Em Filosofia, desterritorializar significa traçar um plano de fuga para o caos intelectual, ao passo que reterritorializar representa ocupar novos espaços de discussão e de debate.

Num primeiro plano o filósofo e, por conseguinte, educadores de uma maneira mais ampla, são, portanto, sempre estrangeiros. Desterritorializar e reterritorializar são inseparáveis e em alguma medida concerne à relação histórica do pensamento em seus territórios que nele se desenham ou se apagam. Portanto, entende-se a geofilosofia como a cartografia dos filósofos, uma vez que leva em consideração os territórios da pesquisa. Ao definirem a Filosofia como criação de conceitos, Deleuze e Guattari (2010) fazem uma cartografia da razão, o que nós convencionamos chamar aqui (a partir de pesquisas e trabalhos anteriores) de cartografia filosófica. No processo de criação de conceitos, as condições de criação envolvem um processo de cartografia da razão. Suas etapas, sempre singulares, afinal não temos aqui um método, dão forma à pedagogia do conceito. (Santos, A.R.AR., 2020).

Ao utilizar os relatos de experiência no plano de trabalho de formação profissional, entende-se que existe uma experiência filosófica de formação de conceitos através de vivências e que estas constituem um movimento de territorialização e desterritorialização do pensamento como plano de imanência na construção da identidade profissional e do fazer pedagógico de quem está propondo.

A proposta de atividades memorialísticas a partir de relatos de experiência em salas de aula (sejam presenciais ou *on-line*) pode ser utilizada como ferramenta para práticas baseadas na geofilosofia. Assim como o fio de Ariadne, que através da memória constrói um emaranhado de possibilidades, as atividades memorialísticas no contexto educacional, auxiliam os envolvidos a encontrarem saídas, entre linhas

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

trançadas coletivamente numa busca por esperança. Neste texto, o labirinto pode ser representado pelo período pandêmico, marcado pelo negacionismo, ataque à cientistas e procedimentos científicos, mas também pela força absurda de educadores em busca de soluções criativas e humanizadas, da educação infantil à pós-graduação. Contudo, embora estivéssemos na mesma tempestade, navegamos em barcos completamente diferentes em tripulação e estrutura.

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA E OS MONSTROS MAIORES QUE LABIRINTOS

Em 6 de agosto de 2021, as coordenações dos curso de Bacharelado em Jornalismo e de Bacharelado em Relações Públicas, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, confirmam o retorno das disciplinas Oficina de Texto em Comunicação e Análise e Produção de Texto para seus respectivos cursos. A essa altura, o Brasil registrava 1.006 mortes por Covid-19 nas últimas 24 horas, de acordo com os dados do Ministério da Saúde (MS) e do consórcio de veículos de imprensa (BRASIL, 2021; G1, 2021), com base nos dados das Secretarias Estaduais de Saúde; e o país já alcançava 561.807 óbitos, desde o início da Pandemia.

O gráfico abaixo mostra um fenômeno relevante, já que naquela oportunidade, o mês de agosto apontava queda no contágio, o que, de certa forma, poderia ser encarado como uma boa notícia. Contudo, quer seja por testagem insuficiente, ou por estratégias mais severas de cuidado e confinamento, não era possível definir um patamar conclusivo.

Gráfico 1: Mortes por Covid-19 por mês no Brasil

e-ISSN: 2177-8183



Fonte: Secretarias de Saúde/Consórcio de veículos de imprensa/Levantamentos exclusivos G1.

Neste contexto extremamente complicado, para não dizer completamente insalubre para práticas acadêmicas, foi dada partida para mais um semestre letivo. A referida Universidade já enfrentara o Período Letivo Excepcional-PLE 2020, aprovado pela Resolução Nº 36/2020 - Consuni/UFAL, de 11 de setembro de 2020 e, naquele instante, a comunidade acadêmica preparava-se para o início de mais um semestre letivo no início de agosto de 2021. Entre os sintomas predominantes das ementas, além dos conteúdos linguísticos, destacavam-se o medo, a insegurança e a incerteza. Tais elementos configuram, de fato, uma síntese metafórica do contexto histórico-sanitário global, intensificado de forma particular no Brasil. Eram, portanto, sentimentos comuns aos que enfrentavam o sofrimento de tantas perdas, como também, entre aqueles e aquelas que, de alguma forma, ainda se dispunham a trabalhar e estudar, quer seja arrancando coragem das entranhas, quer seja pela força da necessidade.

Dessa forma, inseridos nesse contexto, verificou-se a crescente popularização de diversos sistemas de gerenciamento de conteúdo, tanto em ambientes escolares e acadêmicos quanto no âmbito corporativo, dentre os quais está O *Google*

Classroom, desenvolvido pela *Google for Education*, ferramenta lançada em 2014 com o propósito de apoiar professores e alunos nos processos de ensino e aprendizagem, visando aprimorar a qualidade dessas práticas em sala de aula (DAUDT, 2015). Desde então, essa plataforma integra a rotina de milhares de professores e estudantes da Educação Básica e do Ensino Superior, auxiliando-os no que tange a aplicação de atividades, a distribuição de tarefas, o gerenciamento de turmas, além da ministração de aulas, de palestras ou de eventos *on-line*.

Mesmo antes das formatações educativas utilizadas no período pandêmico, estudos já caminhavam discutindo o uso da Tecnologia na Educação para atividades remotas. A exemplo disso, um artigo publicado pela Revista *Novas Tecnologias na Educação*, menos de um ano antes da pandemia e dos estudos remotos, já investigava a usabilidade do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) *Google Sala* de Aula. No texto, os autores buscaram identificar quais contribuições e melhorias o seu uso poderia trazer para o processo de ensino-aprendizagem, utilizando o curso de licenciatura em Ciências Biológicas como objeto de experimentação (MARTINS, 2019).

O Google, assim como outras empresas do segmento, já possuía em seus cardápios, plataformas de auxílio ao ensino. Contudo, nem mesmo a *big tech* estava preparada para a avalanche de acessos gerada pelas escolas e universidades no período de distanciamento social. O *Google Meet*, entre outros aplicativos, tornar-se-ia popular entre aqueles que, de alguma forma, não adquiriram outros formatos pagos e mais personalizados para atender demandas peculiares de suas instituições, tanto na esfera pública, quanto na privada, sendo, portanto, no interior desse espaço, que transcorreram as disciplinas apontadas acima, cujas atividades relacionadas à memória atuaram como elemento basilar no processo pedagógico.

No ano de 2021, em meio ao contexto da Pandemia da Covid-19, as instituições de educação na modalidade presencial precisaram se reinventar e readaptar seu formato de ensino para continuar oferecendo o seu serviço. Ao invés das paredes das salas de aula, haviam salas virtuais na tentativa de conectar professores, estudantes

CC BY

e seus pensamentos constantemente dispersos, em virtude dos barulhos da vida privada que passaram a dividir o mesmo espaço no período de isolamento social.

O espaço de aprendizagem foi modificado, e assim, os métodos de avaliação também precisaram ser repensados, adaptando o seu formato, às condições materiais e estruturais que estavam postas. As provas objetivas impressas deram lugar aos formulários virtuais, a apresentação de seminários permaneceu, só que através das telas de reuniões no *google meet*, assim como outros instrumentos pouco utilizados, passaram a ser incorporados ao processo avaliativo, a exemplo do memorial acadêmico.

Em um contexto marcado pelo isolamento social e pela perda de memórias — decorrentes tanto do distanciamento interpessoal quanto do uso de máscaras, que dificultavam o reconhecimento do outro —, somado à dificuldade de concentração diante da sobreposição entre os ambientes doméstico e educacional, o memorial revelou-se um instrumento com significativo potencial como recurso de avaliação mediadora e formativa nos processos de ensino e aprendizagem. Sua utilização favorece, de modo especial, a autoavaliação e a reflexão crítica sobre o próprio percurso de aprendizagem. Se bem orientado e produzido, este gênero textual possibilita o registro de aprendizagens mais significativas do ponto de vista do estudante, estimulando o desenvolvimento da atenção, da memória, da escrita, entre outros aspectos, além de permitir ao professor analisar e mensurar sua prática com o objetivo de refletir sobre ela. Não se trata de simplesmente eliminar os instrumentos tradicionais já existentes, mas, de repensá-los e diversificá-los a partir de um propósito bem definido: que é de compreender o estudante como sujeito de sua própria aprendizagem, capaz de expressar suas potencialidades desde que seja estimulado e não enquadrado em um sistema único de avaliação. Logo, o ato de avaliar deveria estar diretamente relacionado à disposição de acompanhar o desenvolvimento do estudante e auxiliá-lo a superar suas dificuldades. No entanto, segundo Luckesi (2011):

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

> A atual prática de avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente. Ou seja, o julgamento de valor, que teria a função de possibilitar uma nova tomada de decisão sobre o objeto avaliado, passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado (Luckesi, 2011, p. 34).

Desse modo, ao invés de limitar a capacidade dos estudantes por meio de instrumentos de avaliação igualmente limitados, que podam o pensar, destaca-se a importância de incluir outras ferramentas. Elas podem contribuir para a formação de personalidades mais autônomas, críticas, conscientes, valorizando produções espontâneas e permitindo a identificação de avanços e dificuldades de forma mais dinâmica e colaborativa, a fim de atuar sobre elas. Hoffmann (2014) aborda os momentos de avaliação como sendo a reflexão e a interpretação de manifestações de aprendizagens, e não apenas a correção de tarefas. O crítico reforça a compreensão de que o professor precisa ser um facilitador de práticas que incentivem o protagonismo estudantil e suas múltiplas expressões, tornando possível obter um repertório mais completo para que a avaliação seja realizada.

Nessa perspectiva, destaca-se novamente o uso do Memorial, pois trata-se de um gênero textual que pode ser utilizado com múltiplas finalidades, seja na produção de “uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva” (Severino, 1941, pg. 245), seja como um instrumento de seleção, escrito por professores e/ou pesquisadores. De um modo ou de outro, estes instrumentos têm o intuito de narrar sua trajetória profissional e intelectual, comumente solicitada, como requisito para avaliação docente por suas Instituições, ou ainda como uma estratégia pedagógica, atividade formativa realizada pelos discentes, possibilitando registrar e refletir sobre suas vivências, experiências e memórias. Já para Martins (2005), o Memorial é uma estratégia de formação e fortalece a sua afirmação indicando três motivos para se trabalhar com memoriais: o primeiro, é que “as memórias se encontram num limiar entre história e estória” (p. 191); segundo, porque o estudante assume o papel de narrador-observador da história; e terceiro, pelo fato de o escritor do memorial tornar-se ao mesmo tempo narrador e protagonista.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Trata-se, portanto, de um instrumento pedagógico rico em potencialidades, que permite um novo olhar sobre as experiências dos sujeitos, pois ainda que uma turma de estudantes leia o mesmo livro ou participem da mesma aula, as percepções serão diferentes. As sensações, portanto, serão particulares, a forma de se expressar e contar uma história é completamente individual e as conexões memoriais estabelecidas também serão únicas, cada um de acordo com suas próprias bagagens, o que serão, por sua vez, propulsoras de reflexões, reinterpretações e ressignificações das memórias que foram vividas e serão contadas.

Ainda na mesma linha de raciocínio, o olhar sobre como estudos acerca da memória dialogam com os eventos educacionais, ainda na fase mais aguda de contágio do novo coronavírus, faz-nos pensar nos estudos de Ricouer (1997), em particular *Tempo e Narrativa*, numa busca por compreender a concepção de narrativas autobiográficas, memorialísticas e ficcionais. Dessa forma, a identidade não se manifesta, segundo o autor, apenas como uma identidade pessoal, mas, sobretudo, como uma identidade narrativa. Essa conexão íntima e difusa entre identidade pessoal e identidade narrativa é, para ele:

> O frágil rebento oriundo da união entre a história e a ficção é a atribuição a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica que podemos chamar de identidade narrativa. O termo "identidade" é aqui tomado no sentido de uma categoria prática. [...] Responder à questão "quem?", como o dissera Hannah Arendt, é contar a história de uma vida. A história narrada diz o quem da ação. A identidade do quem é apenas, portanto, uma identidade narrativa. Sem o auxílio da narração a problemática da identidade pessoal está, com efeito, fadada a uma antinomia sem solução: ou se coloca um sujeito idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados, ou se considera, na esteira Hume e Nietzsche, que esse idêntico é somente uma ilusão substancialista, cuja eliminação só se revela num puro diverso de cognições, de emoções e de volições. Desaparece o dilema se substituímos a identidade compreendida no sentido de um mesmo (idem) pela identidade no sentido de um ipse; a diferença entre idem e ipse não é senão a diferença entre uma identidade substancial ou formal e a identidade narrativa. (RICOEUR, 1997, p. 424-425).

A partir da citação acima, pode-se refletir acerca dos sujeitos que se anunciam nos memoriais, cujo detalhamento abordaremos logo adiante, tendo em vista que a

e-ISSN: 2177-8183

construção do *eu* se dá pela escrita, cujo produto é o construto de sua identidade. E no contexto histórico no qual este texto recorta, há ainda mais uma busca por conhecer a si em momentos de grande pressão, tanto pela perspectiva docente, quanto pelos discentes engajados em prosseguir.

Ao dialogar com uma perspectiva semelhante, Sanches e Conte (2017) corroboram com a hermenêutica de Ricoeur, ao mesmo tempo em que argumentam que a narratividade carrega uma dimensão reflexiva e autoformativa fundamental, especialmente em contextos de crise em que o sujeito se reconstrói por meio da escrita e da rememoração, o que coaduna com a cosmovisão deste trabalho. Para Ricoeur, segundo os autores, as histórias de vida seriam capturadas como construtos de si, revelando uma dimensão reflexiva e formativa dos sujeitos.

> O sujeito que narra sua vida não apenas rememora fatos passados, mas organiza e interpreta suas experiências, produzindo sentido e identidade narrativa. Essa narrativa é retroativa e criativa, pois relê o vivido à luz do presente e projeta possibilidades de futuro (SANCHES; CONTE, 2017, p. 196).

De acordo com Sanches e Conte (2017), a experiência contextual da existência não seria dissociada do texto, tendo em vista que o este é a ferramenta que proporciona o acesso à interpretação e à compreensão da vida humana. Sendo assim, é necessário compreender narrativamente, pois essa ação é por si só um movimento de reconstrução identitária. Nesse sentido, os memoriais estimulam a (re) interpretação do passado, num exercício discursivo de pensá-lo sob a ótica do presente. Este modelo de escrita estaria sujeito, segundo Ricoeur, à construção de novos olhares acerca do fato histórico. E, para esta demanda, o olhar para a memória como instrumento avaliativo se configura como uma importante ferramenta avaliativa.

O MEMORIAL COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Enquanto a busca por uma educação de qualidade perpassa a utilização constante de processos avaliativos, a avaliação, por sua vez, se apresenta enquanto

ferramenta de acompanhamento da aprendizagem do estudante, configurando-se em diferentes formas de interpretação. A depender de seu objetivo final, quer seja, classificar e, assim, apenas atribuir nota a alguém mediante provas e trabalhos em uma visão meramente tradicional, taxativa e pouco eficaz, quer seja o entendimento de que a avaliação é um evento processual e contínuo, devendo considerar o conhecimento de mundo das pessoas, sua subjetividade, além dos contextos e das possibilidades que lhes são oferecidas para expressar o que foi aprendido, através da diversificação dos instrumentos avaliativos. Libâneo (1994, p. 195), defensor de uma pedagogia vinculada a uma perspectiva crítica, afirma que:

> A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico – didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Desse modo, avaliar requer observar diferentes aspectos, que não apenas o resultado de uma prova objetiva; ou seja, o foco, antes de tudo, deve ser no processo, que precisa cumprir seus princípios técnicos na aplicação dos conteúdos, mas também, deve considerar os aspectos humanos, culturais, políticos, econômicos e sociais, que podem favorecer ou não a prática pedagógica e, consequentemente, o contexto da aprendizagem.

É importante destacar que, na Educação Básica, o modelo de avaliação costuma ser mais engessado e pouco flexível, limitando-se à aplicação de provas e trabalhos, com uma função estritamente quantitativa, que servirão para aprovar ou reprovar o estudante. Já no Ensino Superior, os instrumentos de avaliação tendem a ser menos enquadrados, explorando aspectos como a escrita, a criatividade e a oralidade, não eximindo a presença de provas objetivas, porém, possibilitando outras formas de construção da aprendizagem, mais autônomas, críticas e significativas. Nesse sentido, o caminho para romper com uma perspectiva tradicional, classificatória e controladora de avaliação, perpassa a necessidade de desvinculá-la da ideia de

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

“verificação da aprendizagem” e entendê-la sob um olhar mais crítico e humano, tal como distingue Luckesi (1995):

> A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção de configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que “congela” o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação. (LUCKESI, 1995, p. 43).

Logo, avaliar não é uma ação que deve ser realizada SOBRE o estudante, e sim, COM ele; é uma atividade participante, dinâmica que precisa ser aberta e compartilhada, possibilitando o autoconhecimento e a autoavaliação, pois trata-se de um instrumento de reflexão contínua que permite a percepção da evolução do aprendizado, ao contrário da ideia de verificação, que tem como objetivo final classificar pessoas em capazes ou incapazes de progredir, de acordo com a nota alcançada, reforçando a lógica de uma sociedade nada democrática e amplificadora das desigualdades sociais. Numa abordagem crítica, a qual defendemos neste estudo,

> A avaliação centra-se nos processos e evolui de acordo com as transformações do contexto. Mais do que medir, avaliar significa entender, analisar, rever e refletir, pois educação e avaliação não podem ser vistas como processos tecnicistas, desligados de valores (CHAVES, 2003, p. 41).

Portanto, é sob esse olhar que fundamentamos a reflexão acerca da relevância do exercício da memória. Destaca-se, a seguir, um instrumento de avaliação que, quando bem empregado, pode contribuir para o desenvolvimento de diferentes potencialidades, tanto para o estudante quanto para o professor, dentro do processo avaliativo. O consórcio de veículos de imprensa informou, em boletim, que, no dia 31 de julho, o Brasil voltou a registrar uma média inferior a mil mortes; após 191 dias consecutivos com números superiores; entre 17 de março e 10 de maio, foram 55 dias, seguidos com a média móvel acima de dois mil óbitos; no ápice desse período, em 12 de abril, foi registrado o recorde de 3.125 mortes; no dia em que o memorial a

CC BY

seguir foi lido, 23 de agosto de 2021, contabilizaram-se 766 mortes em decorrência da Covid-19. A todas as famílias — inclusive as nossas — que perderam entes queridos, expressamos nosso mais profundo respeito e nossa solidariedade. Desejamos que a memória de cada um deles permaneça eternizada e respeitada em seus corações e lembranças.

O Memorial a seguir compõe o *corpus* da pesquisa, sendo analisado à luz da abordagem qualitativa e da cartografia filosófica. Sua inclusão no corpo do artigo justifica-se como evidência direta da experiência pedagógica vivida em contexto remoto. Todas as turmas chegaram a aproximadamente 60 alunos totais.

A MEMÓRIA DA AULA NO PERÍODO PANDÊMICO

MEMORIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL/ RELAÇÕES PÚBLICAS

Disciplina: Oficina de texto em comunicação /Análise e produção de texto I
Professor: Rodrigo Severiano

Memorial da aula 2

Sistematizadora do memorial: Cinthya Oliveira

Memorial da Aula 2, da disciplina Oficina de texto em comunicação /Análise e produção de texto I, ocorrida em 16 de agosto de 2021

A aula foi iniciada com um momento deleite, em que o professor compartilhou com a turma o Poema “Bocas não há”, de sua autoria, ainda não publicado, mas, de antemão, aproveitou para interagir com a turma solicitando uma palavra que, para nós, representasse a pandemia da Covid-19. Ainda antes da leitura, relatou que o poema foi escrito durante o período crítico de contágio do vírus, tendo como inspiração alguns comportamentos observados durante sua ida ao supermercado: a dificuldade de compreensão das falas, do reconhecimento das pessoas na rua, a imagem das

máscaras penduradas no varal ou nas janelas, como “adereços” incorporados à nossa casa e ao nosso rosto, em uma realidade em que só voltaremos a ver bocas à mostra, se no braço de todos a vacina estiver posta. O objeto utilizado pelo professor para representar a pandemia no poema foi a máscara, o que, diante deste novo contexto, trouxe várias implicações ao processo de comunicação e ao comportamento social. Já a turma, citou palavras como “vacina”, "álcool em gel”, “óculos embaçado” – por conta da respiração através da máscara –, a TV, a seringa, as lives, o ensino remoto, celular, etc., resumindo parte das experiências vivenciadas pela maioria de nós durante esses “15 dias de quarentena” que ainda não acabaram.

Seguindo para o conteúdo sobre a linguagem e suas múltiplas facetas, o professor chamou atenção para a criação de histórias em quadrinhos para surdos, sem texto, apenas com imagens que apresentam gestos e expressões. Em seguida, foi feita uma breve introdução sobre o conto “Fita verde no cabelo”, contido no livro **Ave Maria**, de Guimarães Rosa, que trata de uma releitura da história da Chapeuzinho Vermelho. O professor enfatizou a característica do autor de “inventar” novas palavras, pois para ele, apenas um léxico não é suficiente. Em resumo, o conto apresenta uma menina que sai pela floresta a levar uma cesta e um pote para sua avó, que, diferentemente da história original, não se depara com caçadores ou um lobo no caminho, mas, ao chegar à casa de sua avó e proferir algumas perguntas inquietantes diante de sua aparência mórbida na cama, é surpreendida por algo ainda mais assustador que o lobo mau: a partida da avó desta vida. Tal releitura dá vida a novas experiências vivenciadas pela jovem menina, que não mais criança, se depara com a ideia da morte. Se na história original, a menina tomou o caminho mais curto e acabou se deparando com os perigos da floresta na figura do lobo, nesta versão, ela decide tomar o caminho mais longo, contemplando a floresta e acaba perdendo um momento precioso que poderia ser desfrutado com a avó, sendo este, mais um difícil conflito para a menina lidar.

A próxima etapa da aula foi a explicação da dinâmica das próximas aulas, que deverá contar sempre com uma leitura deleite na abertura, seguida da leitura do

e-ISSN: 2177-8183

Memorial da aula anterior, o qual será produzido alternadamente por colegas da turma, escolhidos na aula que antecede sua leitura. Como modelo de produção, foi feita a leitura do Memorial da aula 1, construído pelo professor Rodrigo, salientando a finalidade de resgatar os acontecimentos da aula anterior para que os colegas, que porventura não participaram, tenham acesso ao conteúdo que foi abordado, bem como, enquanto instrumento de interação e avaliação contínua. O passo seguinte foi trabalhar o texto “Língua e linguagem: qual a diferença?”, esclarecendo que a língua é um sistema de representações constituídos por palavras e regras, utilizado como meio de expressão e comunicação; enquanto a linguagem é um sistema de comunicação, podendo ser ela: verbal (no caso da língua falada) ou não verbal (a escrita, imagens, gestos). O **Filme Mogli** foi utilizado ainda como exemplo para evidenciar a linguagem como um elemento social, que permite a nossa integração em uma sociedade por meio da interação entre sujeitos que utilizam o mesmo código para se comunicar. Após esse momento explicativo, assistimos ao trailer do **Filme A chegada**, uma ficção científica que apresenta a tentativa de comunicação entre seres humanos e criaturas desconhecidas, a fim de descobrir qual o objetivo deles ao desembarcar na terra. Para isso, é necessária a intervenção de uma linguista para decodificar a língua destes alienígenas e estabelecer algum diálogo, no entanto, destaca que, mesmo conseguindo decifrar as palavras, o léxico dos alienígenas não necessariamente é igual ao nosso, portanto, o significado da mensagem tende a ser distorcido ou mal interpretado.

A comunicação humana e a comunicação animal foram a etapa final da aula, com o vídeo “Qual o significado da dança das abelhas”, mostrando um experimento que investigou como as abelhas se comunicam, com base na vibração de suas asas e nos movimentos realizados durante a sua “dança” ao retornarem para a colmeia depois de terem ido até o alimentador artificial. Ao assistirem a performance da abelha, outras abelhas foram diretamente ao local do alimentador, o que indica que houve um processo de comunicação entre elas, porém, por meio da linguagem corporal e não através de uma estrutura linguística semelhante à nossa. Por fim, o professor sinalizou

e-ISSN: 2177-8183

o texto de abertura da próxima aula, intitulado “se os tubarões fossem homens”, de Bertold Brecht, sugerindo a criação de um canal de comunicação com a turma, com a finalidade de compartilhar os materiais da disciplina.

“Comunicar não é falar ou escrever, falar ou escrever não é comunicar. A comunicação ultrapassa a barreira frágil da palavra, independe de fonemas ou de símbolos... esses, inclusive, são os recursos mais limitados deste ato, o da comunicação” (Vanessa Coelho).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num tempo onde permanecer vivo e em segurança tornou-se a prioridade maior, para além do peso que o termo em si já carrega, observou-se a grande movimentação de educadores repensando metodologias educacionais num contexto onde práticas educacionais sofreram mudanças abruptas em meio a dor de acompanhar pessoas próximas sendo internadas, distanciamento social, inúmeros discursos negacionistas, seguidos por ataques a cientistas das mais diversas áreas.

Diante deste cenário semelhante às obras diatópicas de ficção, a capacidade de reinvenção da área de educação e daqueles que a compõem, mais uma vez foi testada. Nesse sentido, este estudo buscou destacar como adaptações metodológicas são muitas vezes necessárias. No caso específico aqui analisado, o uso de plataformas digitais como *Google Sala de Aula* apresentou-se indispensável num contexto de emergência sanitária global. Com a licença de extrair algo de positivo de um cenário caótico, observou-se oportunidades de compartilhamentos diversos no ambiente virtual entre docentes e discentes, inclusive internacionalmente.

Como resultado, destaca-se ainda que, cerca de 30 Memoriais foram produzidos e lidos ao longo da trajetória do semestre, outros foram produzidos e disponibilizados para consulta. Contudo, para além deste número, percebemos que as produções serviram como fios que extrapolavam o elo entre uma aula e outra com intervalo de uma semana. Os textos conectaram pessoas afastadas umas das outras,

algumas solitárias e enlutadas por perdas muito duras. Ler e ouvir as memórias tornou-se um ritual de conexão entre humanos. Fez a todos (as) pensar, que num período de abismos, foi possível construir pontes virtuais através da memória.

A construção do conhecimento, portanto, apresenta-se como um elemento dinâmico na História da humanidade, sendo duramente testada nos períodos mais agudos da crise sanitária, sobretudo, em relação à infraestrutura das famílias, a hiper convivência doméstica e a pressão no estado de saúde mental de professores, alunos e técnicos. Diante desse rol de desafios, a feitura de textos com viés memorialísticos torna-se relevante e, neste estudo aqui descrito, um ponto central de reflexão e de intersecção do indivíduo com o mundo. No decorrer dos momentos remotos, muitos relatos se tornaram ferramentas potentes de registro de experiências, estimulando o pensamento sobre si e sobre a construção da sua própria trajetória educacional. A filosofia deleuziana, por sua vez, estimulando a confecção de mapas e territórios, demonstrou uma maneira eficaz de compreensão e de produção de saberes em um momento de reinvenção de metodologias de ensino-aprendizagem

Este texto destacou ainda as fragilidades estruturais na educação, que se confundiram com o nosso próprio telhado, por vezes de pedra, por vezes de vidro, no que tange à valorização da ciência nos mais diversos campos. Foi, de certa forma, um grande exercício de resiliência de educadores e discentes. Diante dessa conclusão, este estudo buscou reforçar que é justamente no campo da educação, tão atacada no período pandêmico e anterior a ele, que novos horizontes são traçados. Entretanto, o uso de novas tecnologias, não apenas no período de crise sanitária, mas para além dele, carece de análise crítica, tanto quanto aos seus elementos híbridos e flexíveis, como também ao abismo que se apresenta mais cruel entre aqueles que puderam dar sequência em seus estudos e outros que se encontraram no escuro da ausência de uma infraestrutura digna.

E em meio a toda essa discussão de acesso aos estudos em contextos de quarentena e pandemia, os processos avaliativos não puderam ser completamente abandonados. Esta pesquisa buscou, justamente, apresentar uma possibilidade que

CC BY

se torna factível para além do período 100% virtual. Ou melhor dizendo, tornar-se-ia uma estratégia viável nos momentos tanto presenciais quanto virtuais. Conclui-se que processos avaliativos devem ser cada vez mais elementos de reflexão contínua e integrada. O caso apresentado neste artigo mostra como a partilha da memória sustenta a participação do aluno, o trazendo para a interação com o docente, que naquele momento pandêmico, também, estava compartilhando uma espécie de estado de solidão em sua vida e sua prática pedagógica simultaneamente. O estudo sugere, ainda, que as metodologias de avaliação podem se tornar mais integradas ao processo de ensino, com maior ênfase na construção do conhecimento e no engajamento crítico dos alunos.

Nesse entrelugar onde habita o território virtual e a memória que pulsa ora recortada, ora plena de um estado de atenção, inscreve-se, nesta pesquisa, a analogia representada pela metáfora do "fio de Ariadne". Ela se apresenta como uma síntese do movimento que caracteriza esse período de transição. O conceito de entrelugar, inspirado em Deleuze, sugere que a pandemia forçou educadores e alunos a navegar entre o físico e o virtual, criando novas formas de aprendizado e interação. O processo de ressignificação desses territórios, tanto físicos quanto digitais, abre um campo para futuras investigações e práticas educacionais que possam integrar essas dimensões de maneira mais fluida e criativa. É preciso, no entanto, estarmos em enorme estado de atenção no que diz respeito à “plataformização” da educação, aplicativos para tudo e inteligências artificiais “a todo pano”, seguindo um movimento de oferecer em demasia para um pequeno grupo, em detrimento do mínimo para grupos mais vulneráveis.

Em síntese, este estudo buscou demonstrar que, embora a pandemia tenha aportado desafios hercúleos, com marcas na saúde mental de educadores e educandos – que ainda devem ser bastante sentidas nas escolas e universidades –, também foi um período de reinvenção e reestruturação sobre o alcance e o papel da educação na vida dos seres humanos. Foi através da produção memorialística e do uso de abordagens que transitaram entre o virtual e o filosófico, que as turmas que

utilizaram os memoriais puderam registrar suas vivências e gerar maneiras diversas de pensar a educação. Por fim, reforça-se, o quanto ir à escola de maneira presencial, concorre de maneira protagonista na formação dos indivíduos, incluindo a criação de memórias poderosas e duradouras, muito bem amarradas por fios que nenhum Minotauro pode partir. Na última aula de um semestre desafiador, as últimas leituras foram feitas com a câmera ligada e os olhares voltados para um futuro sem medo. Este é o plano.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BENJAMIN, W. O Narrador. **Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, (Obras escolhidas; v. 1).

BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus Brasil. **Painel de casos de doenças pelo coronavírus 2019 (COVID19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. Published 2020. Accessed August 20, 2020.https://covid.saude.gov.br/ (último acesso em 02/09/2024).

BRASIL registra 656 mortes por Covid em 24 horas; total chega a 579.052. **G1**, 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/08/28/brasil-registra-656-mortes-por-covid-em-24-horas-total-chega-a-579052.ghtml. (Acesso em: 02 de set. de 2024).

CHAVES, S. M. Avaliação da aprendizagem no Ensino Superior: realidade, complexidade e possibilidades. Tese (Doutorado em Educação) – **Universidade Federal de São Paulo**, São Paulo, 2003.

DAUDT, Luciano. Seis ferramentas do google sala de aula que vão incrementar sua aula. Disponível em: <https://www.qinetwork.com.br/6-ferramentas-do-google-sala-de-aula-que-vao-incrementar-sua-aula/>. Acesso em: 02 out. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

e-ISSN: 2177-8183

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Veja/passagens, 1992.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Informe n. 1: **Educação escolar em tempos de pandemia**. São Paulo: FCC; Unesco, 2020. Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1. Acesso em: 10 jan. 2021.

HARTMANN, Marie-Odile. **Ariadne contra o Minotauro**. Tradução Verônica Sügger. São Paulo: Edições SM, 2006.

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do método da cartografia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LA SALVIA, André Luis. **Problemas de uma pedagogia do conceito – pensando um ensino de filosofia**. Rio de Janeiro: Autoral, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 13 Ed. São Paulo: **Cortez**, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: **Cortez**, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2011b, 22ª edição.
MARTINS, Aracy Alves. Memórias de professores: eventos e práticas de literacia/letrameto. **Revista Portuguesa de Educação**, 18(2), p.185-213, 2005.

MARTINS, J.; TELES, A.; VIANA, D.; JOSÉ SILVA, F.; COUTINHO, L.; TEIXEIRA, S. Avaliação do Google Sala de Aula como Ferramenta de Apoio ao Processo de Ensino-aprendizagem em um Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas Presencial. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p.

587–596, 2019. DOI: 10.22456/1679-1916.99544. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/99544 Acesso em: 19 ago. 2024.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 215-224, maio/jun. 2020.

PERÍODO Letivo Excepcional - PLE 2020. **UFAL**, 2021. disponível em: https://ufal.br/estudante/graduacao/calendario-academico/periodo-letivo-excepcional-ple-2020. Acesso em: 28 de jun. de 2024.

RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere. 31. ed. São Paulo: **Record**, 1994. v. 1, v. 2.

RICOUER, Paul. Autobiografia intelectual. Buenos Aires: **Ediciones Nueva Visíon**, 1997.

RICOUER, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo III. Campinas, SP: **Papirus**, 1997a. p. 360-465.

SANCHES, Roberto; CONTE, Elaine. A hermenêutica de Ricoeur no contexto das histórias de vida. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, p. 188–203, 2017. DOI: https://doi.org/10.17058/rea.v25i3.9492

SANTOS, Angelina Renata Andrade Ribeiro dos. **Experiência do pensamento no ensino de filosofia no nível médio: entre Deleuze e a educação básica brasileira**. 2020. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. 48ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. [1ª edição é de 1941]

STEPHANIDES, Menelaos. **Teseu, Perseu e outros mitos**. Tradução Janaína Potzmann. São Paulo: Odysseus, 2015.

TELLES, Lygia Fagundes. **Invenção e memória**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

e-ISSN: 2177-8183

Submetido em novembro 2024

Avaliado em janeiro 2025

Publicado em fevereiro 2026

CC BY